

THE OUTLAW / 1941-43

(A Terra dos Homens Perdidos)

Um filme de Howard Hughes
(e, não creditado, Howard Hawks)

Realização: Howard Hughes (e, não creditado, Howard Hawks) / **Argumento:** Jules Furthman (e, não creditados, Ben Hecht e Howard Hawks) / **Fotografia:** Gregg Toland (e, não creditado, Lucien Ballard) / **Direção Artística:** Perry Ferguson / **Efeitos especiais:** Roy Davidson / **Música:** Victor Young / **Montagem:** Wallace Grissell / **Interpretação:** Jane Russell (Rio MacDonald), Jack Buetel (Billy the Kid), Thomas Mitchell (Pat Garrett), Walter Huston (Doc Holliday), Mimi Aguglia (tia Guadalupe), Joe Sawyer (Charley Woodruff), Gene Rizzi (o estrangeiro), Emory Parnell (Dolan), Martin Garralaga (criado), Julian Rivero (Pablo), etc.

Produção: Howard Hughes para a Rko Radio Pictures / **Distribuição:** Rko Radio Pictures / **Cópia:** dcp, preto e branco, com legendas eletrónicas em português, 115 minutos / **Estreia Mundial:** 5 de Fevereiro de 1943 / **Estreia em Portugal:** Cinema Eden, a 7 de Outubro de 1949.

A anedota é muito conhecida, mas, para quem a não saiba, aí vai. Era um provinciano de visita a Lisboa. Levaram-no ao Campo Grande e o homem ficou um bom bocado a olhar para a estátua aos mortos da Guerra Peninsular. Reparou na agitação dos vários grupos e olhou para o topo, para a águia napoleónica. E limitou-se a este comentário: "Ena, tanto barulho por causa de uma galinha!".

O mesmo se pode dizer de **The Outlaw**. Podemos, de facto, perguntar se a galinha (galinha da Índia e as sequências que à canja dela e a morte dela se referem) justificaram tanto barulho, como o que ao tempo – já lá vão mais de 60 anos, é verdade – se fez em torno deste filme.

Para quem não saiba do barulho – quase tão conhecido como a anedota – eu conto, recorrendo, deliberadamente, à "história aos quadrinhos" publicada num "Modern Screen" de 1946 e reproduzida na página 508 do III Volume do Catálogo do Ciclo de Cinema "O Musical", edição da Cinemateca.

São oito quadrinhos:

a) O primeiro, a negro e sem bonecos, tem o título do filme em letras garrafais e a seguinte legenda: "Aqui se conta porque é que este filme arrebatador esteve dois anos sem poder ser visto".

b) No segundo, o boneco reproduz a cena do duelo entre Billy the Kid e Doc Holliday (a cena final), mostrando, no canto esquerdo Howard Hughes, sentado na cadeira do "director" a dizer pelo megafone: "O.K. Boys, that's it". Uma grande legenda informa: "1944 – Howard Hughes, aviador e produtor mundialmente famoso, termina o seu filme **The Outlaw**".

c) O terceiro é quase inteiramente preenchido por um grande plano de Jane Russell, generosamente decotada, e rodeada de chispas. E a legenda recorda: "Howard Hughes que descobriu Jean Harlow, Paul Muni, George Raft e Pat O'Brien, apresenta, agora, em **The Outlaw**, a sua sensacional descoberta de uma nova estrela – JANE RUSSELL".

d) O quarto reproduz a fechada do cinema Tivoli de São Francisco, iluminada por vários holofotes e com uma imensa multidão à porta. Legenda: "Junho de 1944 – A estreia mundial de **The**

Outlaw teve lugar em S. Francisco. O filme bateu todos os records de público até então existentes! Lotações esgotadas durante oito semanas! Visto por mais de 300.000 pessoas”.

e) O quinto mostra em grande plano Walter Huston, de costas, a agarrar Jane Russell, de frente e ombros nus à mostra. Diz o texto: “**THE OUTLAW** é acção na ponta do gatilho. COMBINADA COM OUSADAS SENSACIONAIS MAIS EXPLOSIVAS DO QUE TUDO O QUE SE POSSA DESCREVER”.

f) O sexto mostra em plano aproximado Jack Buetel a lançar-se para cima de Jane Russell, deitada no chão, entre as palhinhas, de braços erguidos e abertos. A imagem é enquadrada num écran de cinema e tem sobre o corpo de Jane Russell (a negro) uma grande tira com a palavra CENSURADO. E a legenda acompanha o crescendo “Foi então... que **THE OUTLAW** foi proibido pelos censores! Mas Howard Hughes preferiu retirá-lo de todos os cinemas do mundo, a ter que cortar uma só cena do filme”.

g) A ilustração mostra a entrada dum cinema, sob um céu escuríssimo. Na fachada está escrito em letras imensas: “**THE OUTLAW**. Introducing JANE RUSSELL”. Do lado esquerdo, um cartaz avisa: “fechado pela censura”. Do lado direito, vê-se o imenso busto de Jane Russell. Ao centro, Howard Hughes é rodeado por alguns espectadores que lhe dizem: “Thank you, Mr. Hughes”. E é da boca de Hughes que sai a legenda: “Vou travar esta batalha até ao fim e tenho a certeza que o público há-de ver o meu filme exactamente como eu o fiz”.

h) O oitavo e último boneco é o maior (cinemascópico, em relação aos outros). Jack Buetel já está deitado por cima de Jane Russell, completamente jazente nas palhinhas, com os mesmos braços erguidos, ainda maior decote e as saias bastante levantadas. E a legenda anuncia gloriosamente: “Agora, finalmente, depois de dois anos de luta com os censores, Howard Hughes apresenta-lhes a sua ousada produção **THE OUTLAW**... EXACTAMENTE COMO FOI FILMADA!!! NEM UMA CENA CORTADA!!! e apresenta a nova estrela JANE RUSSELL”.

Essa página é, quanto a mim, bastante mais divertida do que o filme e por isso a contei tim-tim-por-tim-tim. Resta situá-la.

Howard Hughes (1905–1976) era um multi-milionário americano (uma das dez maiores fortunas do mundo) que, aos 18 anos, à morte do pai, herdou a maior cadeia de refinarias petrolíferas existente nos Estados Unidos. Três anos depois, em 1926, tinha duplicado a fortuna, parte da qual passou a dedicar aos seus “desportos favoritos”: a aviação e o cinema. **Everybody’s Acting** (1926) chama-se o primeiro filme que produziu. Depois, foi o célebre filme de Milestone **Two Arabian Knights** (1927). E foi prosseguindo até combinar essas duas paixões num filme à glória da aviação chamado **Hell’s Angels** (1930) realizado por James Whale.

Por causa dess filme – e em 1930 – Hughes e Hawks travaram conhecimento. Sabendo que Hawks tinha para estrear **The Dawn Patrol** e sabendo que Hawks era dos raros homens que sabia quase tanto de aviões como ele, Hughes acusou-o de plágio ou de lhe ter roubado sequências do filme. Hawks travou uma rija luta com ele e conseguiu até prender-lhe um advogado mais pressuroso. Parecia o começo de um ódio figadal mas com Hawks e (sejamos justos) com Hughes, essas lutas não acabavam assim. Como Hawks diz, eram ambos “strange people” e dias depois dos tribunais decidirem a favor de Hawks, Hughes convidou-o para outra peleja, em terreno em que ambos eram peritos: o “golf”. Empataram e foi o princípio de uma amizade que durou até à morte de Hughes (um ano antes da de Hawks).

Logo a seguir, Hughes propôs a Hawks fazerem um filme juntos e esse filme foi – nem mais nem menos – **Scarface**. Daí que nos “bonecos” acima traduzidos, Hughes se gabe de ter descoberto Paul Muni e George Raft, descobertas de Hawks nesse filme.

Gaba-se também de ter descoberto Jean Harlow, a loura mais platinada dos “thirties”. Aí, terá tido mais razão. À Hawks, todos os desportos favoritos de Hughes pouco contavam ao pé de saias. E o milionário, com reputação de Casanova, teve uma paixoneta de todo o tamanho por Jean Harlow que lançou em **Hell’s Angels** e confirmou em **Bombshell** (1933), realizado por Victor Fleming. Ginger Rogers e Katharine Hepburn teriam sido outras das suas “aventuras” da época.

Mas em 1933 fartou-se do cinema. De 33 e 40, só pensou em aviões, bateu records do mundo de velocidade e em 1938 deu a volta ao mundo em 91 horas. Hawks, tão cioso dos seus pergaminhos de aviador como de cineasta, reconheceu que, nos ares, o outro Howard era melhor do que ele. E Hughes deu a Hawks uma honra que não deu a mais ninguém: deixou-o pilotar o seu mais querido

avião.

Até que em 1940, Hughes voltou a pingar amores. A eleita, desta vez, foi Jane Russell, então com 19 anos, e, até aí, apenas modelo. Por ela, nela e com ela, quis voltar ao cinema. E escolheu **The Outlaw**, um "western" que misturaria em salada histórica Billy the Kid, Doc Holliday e Pat Garrett.

Mas não tinha muita confiança em si próprio, nem como argumentista, nem como realizador. Por isso, foi bater à porta de Hawks. Pediu-lhe para escrever a história e para realizar o filme. Hawks, divertido com a ideia, aceitou. Sugeriu a Hughes convidarem como co-argumentistas Ben Hecht e Jules Furthman (os seus argumentistas favoritos) e acabou o "script" em finais de 1940 (dos três, só Furthman veio a ser creditado), mas quando chegou à realização, não teve muita pachorra para aturar as intromissões de Hughes, que queria Jane Russell em tudo quanto era sítio. Ao fim de dez dias de rodagem – e de grandes pegas – despediu-se. Lasky acenava-lhe com **Sergeant York** e Hawks disse a Hughes, que sempre tinha querido ser realizador, porque é que ele não fazia o gosto ao dedo. "Achas que sou capaz?" perguntou Hughes, "Dou-te a resposta depois de ver o filme", disse Hawks. E foi para o Sargento. Quando o viu, teria dito: "I didn't think it was too good".

Em Maio de 1941, **The Outlaw** – para que Hawks aconselharia dois dos actores que mais admirava, Walter Huston e Thomas Mitchell – ficou pronto. Mas quando a censura viu o tamanho dos decotes de "the two-and – one Miss Russell", viu a galinha da índia na cama do bonito Jack Buetel (promissora carreira quebrada pela guerra), deixando supôr que Jane as partilhava (galinha e cama) com Walter Huston, achou que para "sexy western" era demais. E proibiu. Hughes demorou dois anos a cortar cinco minutos (a versão inicial tinha 121). Em 1943 (e não em 1944, como dizem os bonecos) **The Outlaw** estreou-se. É verdade que bateu records, é verdade que houve bichas para ver os decotes de Russell, e é verdade também que a censura voltou a vetar, achando que o barulho na sala era demais. Só em 1948, com 103 minutos (como hoje o veremos) e não 121 nem 116, **The Outlaw** – o mais célebre caso censório de Hollywood nos "forties" – viu a luz do dia. Via RKO, estúdio que dois anos depois Hughes comprou. Já foi tudo muito menos épico. Mas a fama da galinha chegou até hoje e muitas vezes se atribuiu a Hawks o mérito de tais cenas, ou das virtudes de enfermeira da actriz introduzida nas "palhinhas" e "concluída" dentro de água, num banho que lhe punha a roupa ainda mais colada ao corpo e razoavelmente transparente.

Hawks não filmou nada disso. Filmou apenas a sequência da abertura, o notável encontro entre Garrett e o Doc, com a subsequente intromissão de Bill. Tudo o resto – e raramente é brilhante – é de Hughes.

Mas o argumento traz a inconfundível marca de Hawks e porque só podia ser dele a ideia de acabar o filme assim, com Doc a agradecer a Pat tê-lo morto e este a enterrá-lo sem palavras. "Men are like children", mesmo quando se chamam Billy the Kid, Doc Holliday ou Pat Garrett e tem um brinquedo do tamanho de Jane Russell.

Afinal este é mais um filme de amor supremo entre três homens, com uma mulher que não vale a troca por um cavalo. E esse final – final sublime, deficientemente executado – é, em filigrana, o final de **Red River**. Por isso, quando **Red River** ficou pronto. Hughes voltou a processar Hawks acusando de ter plagiado... **The Outlaw**. Tinha toda a razão. Só que Hawks se plagiou e si próprio, porque ele – e só ele – escreveu a cena mais bela do filme de Hughes. Deixo-os, agora, a ver Jane Russell, como era aos 20 anos.

JOÃO BÉNARD DA COSTA

Texto originalmente escrito antes da entrada em vigor do novo Acordo Ortográfico